

CORPO GORDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DESAFIOS E CAMINHOS PARA A INCLUSÃO

THE FAT BODY IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: CHALLENGES AND PATHS TO INCLUSION

Adão Rodrigues de Sousa¹
Majô Cristine Lopes Dias²

Resumo: este estudo analisa os desafios e caminhos para a inclusão do corpo gordo na Educação Física escolar, com foco na formação docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica de estudos publicados entre 2012 e 2024, que investiga concepções sobre corpo, saúde e práticas pedagógicas inclusivas. Os resultados apontam que a Educação Física escolar ainda reforça padrões normativos, marginalizando alunos gordos e impactando negativamente sua autoimagem, autoestima e participação nas atividades. Além disso, a formação docente carece de abordagens críticas sobre diversidade corporal, perpetuando práticas excludentes e reforçando estereótipos. Conclui-se que a reformulação curricular, o incentivo a metodologias pedagógicas inclusivas e o fortalecimento da formação de professores são essenciais para combater a gordofobia e promover um ambiente educacional mais democrático, acolhedor e que respeite a pluralidade de corpos.

Palavras-chave: Educação Física escolar; gordofobia; inclusão; formação docente; diversidade corporal.

Abstract: this study analyzes the challenges and paths to including fat bodies in school Physical Education, focusing on teacher training. It is a qualitative research based on a bibliographic review of studies published between 2012 and 2024, investigating conceptions of body, health, and inclusive pedagogical practices. The results indicate that school Physical Education still reinforces normative standards, marginalizing fat students and negatively impacting their self-image, self-esteem, and participation in activities. Furthermore, teacher training lacks critical approaches to body diversity, perpetuating exclusionary practices and reinforcing stereotypes. It is concluded that curriculum reform, the encouragement of inclusive pedagogical methodologies, and the strengthening of teacher training are essential to combat fatphobia and promote a more democratic, welcoming educational environment that respects body plurality.

Keywords: School Physical Education; Fatphobia; Inclusion; Teacher Training; Body Diversity.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar desempenha um papel fundamental na formação dos estudantes, promovendo o desenvolvimento motor, a socialização e a adoção de hábitos saudáveis. No entanto, esse espaço também pode se tornar um ambiente de exclusão e discriminação, especialmente para estudantes que não se enquadram nos padrões corporais normativos. Nesse contexto, o corpo gordo frequentemente se torna alvo de estigmatização, afetando a autoestima e a participação dos alunos nas atividades físicas. A gordofobia, entendida como a discriminação baseada no peso, manifesta-se de diversas formas na escola, seja por meio do bullying entre pares, seja por práticas pedagógicas que reforçam ideais de magreza e condicionamento físico como sinônimos de saúde e competência esportiva.

¹ Doutorando em Saúde Coletiva (PPGSC/UFMT). Pesquisa gênero, currículo e formação inicial em Educação Física. Professor da Educação Básica, com atuação e interesse em Educação Física escolar, formação docente e saúde coletiva sob perspectiva crítica.

² Doutoranda em Educação (UNEMAT). Desenvolve pesquisas em Educação Física escolar, com ênfase na educação integral e nas ETIVEs. Atua na interface entre formação de professores, gestão pública e políticas educacionais, dialogando com diversidade e inclusão.

Diante dessa realidade, questiona-se: como a formação docente em Educação Física influencia a percepção dos professores sobre a inclusão do corpo gordo nas aulas? Embora a literatura aponte avanços na compreensão crítica do corpo na Educação Física escolar, ainda há desafios significativos na superação da cultura do desempenho e da exclusão. A naturalização da associação entre magreza e aptidão física leva à perpetuação de práticas que desconsideram a diversidade corporal, impactando negativamente a experiência escolar de alunos gordos.

A formação docente constitui um eixo estratégico para a superação desse cenário, uma vez que é durante esse processo que os futuros profissionais constroem suas concepções sobre corpo, movimento e inclusão. Estudos como os de Bonetto e Gonçalves (2022) apontam que a intervenção dos professores diante do *bullying* gordofóbico ainda se dá de forma superficial, carecendo de estratégias pedagógicas mais estruturadas. Além disso, pesquisas como a de Maldonado (2022) evidenciam que a Educação Física tradicionalmente tem priorizado abordagens biológicas do corpo, negligenciando aspectos culturais e sociais que impactam a percepção da diversidade corporal.

Este estudo, portanto, propõe-se a analisar os desafios e caminhos para a inclusão do corpo gordo na Educação Física escolar, com foco na formação docente. A pesquisa, de caráter bibliográfico, busca reunir e discutir os principais achados da literatura sobre o tema, oferecendo subsídios para a construção de uma prática pedagógica mais inclusiva. O objetivo geral é compreender como a formação dos professores influencia a inclusão de estudantes gordos nas aulas de Educação Física. Especificamente, pretende-se: (i) investigar as concepções sobre corpo e saúde presentes na formação inicial e continuada dos docentes; (ii) analisar práticas pedagógicas que favorecem ou dificultam a participação de alunos gordos; e (iii) discutir estratégias para a superação da gordofobia na escola.

A justificativa para a realização deste estudo reside na urgência de uma Educação Física escolar que respeite e valorize a diversidade corporal, promovendo um ambiente acolhedor e democrático. Ao trazer reflexões sobre a formação docente, busca-se contribuir para a qualificação do ensino e para a construção de práticas pedagógicas que desafiem os estereótipos corporais.

Metodologicamente, trata-se de uma revisão bibliográfica, com análise crítica de produções acadêmicas que abordam a relação entre corpo gordo, Educação Física escolar e formação de professores. A partir da sistematização dos estudos selecionados, pretende-se identificar tendências, desafios e possibilidades para a construção de um ensino mais inclusivo.

Dessa forma, espera-se que esta pesquisa amplie o debate sobre a necessidade de repensar a Educação Física escolar, deslocando-se de um modelo normativo e excludente para uma abordagem que reconheça e respeite as múltiplas corporalidades presentes no espaço escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão do corpo gordo na Educação Física escolar é um tema que perpassa múltiplas dimensões: sociais, culturais e pedagógicas. Compreender os efeitos da gordofobia no contexto escolar requer uma abordagem interdisciplinar, que articule saberes sobre corpo, identidade, preconceito e formação docente. Neste sentido, este referencial teórico se estrutura em três eixos principais: (a) a construção social do corpo e da gordofobia, (b) a Educação Física escolar e os desafios da inclusão corporal e (c) a formação docente e as possibilidades para uma prática pedagógica inclusiva.

O corpo, longe de ser uma entidade meramente biológica, é um construto social que carrega significados e valores historicamente determinados. Como aponta Daolio (1995), o corpo é uma síntese da cultura, pois expressa os elementos específicos da sociedade da qual faz parte. Esse entendimento rompe com a visão reducionista que considera o corpo apenas sob uma ótica funcionalista, permitindo compreender as diversas formas de exclusão e normatização impostas aos indivíduos.

Nesse sentido, a gordofobia, enquanto fenômeno social, manifesta-se como uma discriminação sistemática contra corpos gordos, sustentada por ideais de magreza e desempenho físico. Ramos (2019) argumenta que a sociedade neoliberal e capitalista constrói o corpo magro como sinônimo de disciplina, saúde e sucesso, enquanto o corpo gordo é frequentemente associado à preguiça, descuido e doença. Essa lógica impacta profundamente a identidade e a autoestima de indivíduos gordos, principalmente no ambiente escolar, onde a valorização do rendimento e da performance física reforça padrões excludentes (Gurgel, 2018).

A estigmatização do corpo gordo é, portanto, um reflexo das dinâmicas de poder que operam na sociedade, criando uma hierarquia entre corpos "aceitáveis" e "desviantes". Pinheiro (2018) destaca que a tentativa de padronizar corpos e estabelecer uma hegemonia corporal impõe aos indivíduos gordos uma luta permanente contra o preconceito. Essa discriminação não apenas limita oportunidades sociais, mas também compromete a participação ativa dos estudantes em atividades escolares, incluindo a Educação Física.

A Educação Física, enquanto componente curricular, historicamente privilegiou uma abordagem pautada na performance e na aptidão física, frequentemente reforçando ideais de normatividade corporal. Segundo Maldonado (2022), a disciplina tem produzido saberes predominantemente biológicos sobre o corpo, eliminando suas dimensões culturais e subjetivas. Esse modelo tradicional ignora a diversidade corporal e, em muitos casos, contribui para a exclusão de estudantes que não atendem aos padrões hegemônicos de magreza e condicionamento físico.

A literatura aponta que estudantes gordos frequentemente vivenciam experiências de exclusão e constrangimento durante as aulas de Educação Física. Matos, Zoboli e Mezzaroba (2012) demonstram que o *bullying* contra alunos obesos é uma manifestação recorrente

nesse ambiente, impactando negativamente sua participação e motivação para atividades físicas. O estudo indica que esses alunos muitas vezes se tornam alvos de apelidos pejorativos, olhares de julgamento e exclusão de práticas coletivas, o que compromete seu desenvolvimento psicossocial.

Além do *bullying* explícito, há também formas sutis de exclusão que ocorrem por meio das próprias práticas pedagógicas. Bonetto e Gonçalves (2022) observam que a abordagem tradicional da Educação Física reforça padrões de corpo ideal, levando professores a associarem a magreza ao bom desempenho esportivo. Quando confrontados com episódios de *bullying* gordofóbico, muitos docentes adotam intervenções superficiais, como reprimendas verbais, sem promover uma problematização crítica do preconceito estrutural presente na escola.

Contudo, a Educação Física tem o potencial de se tornar um espaço de transformação e inclusão. Segundo Rigoni, Nunes e Fonseca (2017), a escola pode ser um espaço de resistência contra padrões de beleza hegemônicos, desde que os professores estejam preparados para questionar essas normas e promover práticas pedagógicas que valorizem a diversidade corporal. Para isso, a formação docente se apresenta como um elemento fundamental.

A formação inicial e continuada de professores de Educação Física tem um papel determinante na construção de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade corporal. No entanto, estudos apontam que a temática da inclusão do corpo gordo ainda é pouco explorada nos cursos de licenciatura. Gontijo (2023) identificou que muitos futuros professores carregam concepções internalizadas sobre gordofobia, frequentemente reproduzindo discursos que associam a magreza ao sucesso esportivo e a obesidade à falta de esforço.

Bonetto e Gonçalves (2022) ressaltam que a ausência de materiais didáticos específicos sobre a inclusão do corpo gordo dificulta a preparação dos docentes para lidar com o tema. Como consequência, as estratégias pedagógicas adotadas em sala de aula acabam sendo pouco efetivas para combater o preconceito. O estudo sugere que os currículos dos cursos de formação docente devem incorporar discussões críticas sobre corpo, diversidade e saúde, ampliando a visão dos futuros professores sobre o papel inclusivo da Educação Física.

Algumas iniciativas já demonstram caminhos promissores para essa mudança. Maldonado (2022) destaca experiências em que professores utilizam metodologias ativas para discutir representações sociais do corpo com os alunos, promovendo reflexões críticas sobre padrões de beleza e inclusão. Essas abordagens permitem que os estudantes compreendam a Educação Física como um espaço de diversidade, e não apenas de competição e desempenho.

Para além disso, a sensibilização dos docentes sobre a importância da representatividade corporal nas práticas pedagógicas pode contribuir para um ambiente escolar mais acolhedor. Segundo Matos, Zoboli e Mezzaroba (2012), estratégias como a adoção de avaliações formativas, a diversificação das atividades e o incentivo à participação coletiva são fundamentais para evitar que alunos gordos se sintam excluídos.

A literatura aponta que a Educação Física escolar ainda enfrenta desafios significativos para superar a gordofobia e tornar-se um espaço verdadeiramente inclusivo. A construção social do corpo impõe barreiras que se refletem no ambiente escolar, perpetuando a exclusão e a discriminação contra alunos gordos. No entanto, a formação docente surge como um elemento-chave para romper com essa lógica, capacitando professores a adotar práticas pedagógicas mais inclusivas.

Ao questionar padrões normativos e incorporar perspectivas críticas sobre corpo e diversidade, a Educação Física pode transformar-se em um espaço de valorização das múltiplas corporalidades, promovendo o respeito e a participação de todos os estudantes. Reforça-se, portanto, a necessidade de repensar os currículos de formação docente e investir em estratégias pedagógicas que combatam a gordofobia na escola, garantindo uma Educação Física mais democrática e acessível.

A reflexão sobre o corpo na Educação Física escolar demanda também considerar as dimensões humanas, sociais e culturais que o constituem. Destaca-se que o corpo não é apenas um instrumento biológico de desempenho, mas um território simbólico permeado por experiências, afetos e significados produzidos historicamente nas relações sociais (Freire, 1991; Bracht, 1999). Essa compreensão amplia o papel da Educação Física, que deve transcender o enfoque tecnicista e competitivo para assumir uma perspectiva crítica e emancipadora, em que o movimento corporal se torne expressão de identidade, liberdade e inclusão. Assim, compreender o corpo gordo sob essa ótica é reconhecer sua legitimidade e combater práticas que o marginalizam, reafirmando a Educação Física como espaço de diálogo e valorização da diversidade.

3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM CORPORAL

A Educação Física escolar exerce papel central na formação da autoimagem corporal dos estudantes, influenciando a maneira como percebem seus corpos e se relacionam com o movimento. Desde a infância, as experiências proporcionadas pelas aulas de Educação Física podem tanto reforçar quanto desconstruir padrões estéticos e de desempenho físico, afetando de forma direta a autoestima e o engajamento dos alunos nas práticas corporais.

A escola configura-se como um dos principais espaços de socialização e construção identitária. Nesse contexto, a Educação Física, por lidar diretamente com o corpo em movimento, constitui um campo privilegiado para a formação da autoimagem corporal dos

estudantes. Segundo Daolio (1995), o corpo não pode ser compreendido apenas como uma entidade biológica, pois ele carrega significados simbólicos atribuídos pela cultura e pela sociedade. Assim, as práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas de Educação Física têm o potencial de reforçar ou desconstruir estereótipos corporais, impactando a forma como os alunos percebem a si mesmos e aos outros.

Nesse sentido, a literatura aponta que a relação com o próprio corpo, especialmente durante a adolescência, é fortemente influenciada pelas experiências vividas na escola. Rigo (2022) destaca que as aulas de Educação Física podem ser um espaço de constrangimento para estudantes que não se encaixam nos padrões normativos de magreza e aptidão física. Comentários de colegas, a divisão dos alunos por desempenho e a ênfase em esportes que exigem alta performance podem contribuir para a construção de uma autoimagem negativa, levando muitos estudantes a evitarem a participação ativa nas aulas.

No caso específico de alunos gordos, a exposição do corpo durante as atividades físicas pode intensificar sentimentos de vergonha e inadequação. Bonetto e Gonçalves (2022) demonstram que, quando esses alunos são alvos de *bullying* ou se sentem excluídos nas aulas, há um impacto significativo em sua relação com a atividade física, muitas vezes resultando no afastamento do esporte e da prática de exercícios na vida adulta. Esse fenômeno reforça a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a aceitação e o respeito à diversidade corporal.

O discurso tecnicista tem sido historicamente dominante na Educação Física escolar, associando o corpo saudável à magreza e à alta performance física. Essa perspectiva, segundo Maldonado (2022), reduz a compreensão da saúde a um conjunto de parâmetros físicos e fisiológicos, desconsiderando fatores emocionais, sociais e psicológicos que também influenciam o bem-estar dos indivíduos. Dessa forma, estudantes que não correspondem a esse ideal são frequentemente classificados como “menos saudáveis” ou “menos aptos”, reforçando a exclusão e o estigma.

Contudo, uma abordagem mais crítica e ampliada da saúde tem ganhado espaço nos debates acadêmicos. De acordo com Matos, Zoboli e Mezzaroba (2012), a promoção da saúde na escola deve estar fundamentada em uma perspectiva inclusiva, que valorize a diversidade corporal e incentive a participação de todos os alunos, independentemente de suas características físicas. A ideia de que apenas corpos magros e atléticos são saudáveis deve ser problematizada, para que a Educação Física escolar não reproduza discursos excludentes e discriminatórios.

A adoção de um modelo pedagógico mais inclusivo também passa pela desconstrução de conceitos como “corpo ideal” e “aptidão física”. Estudos como os de Rigoni, Nunes e Fonseca (2017) sugerem que os professores devem trabalhar com atividades diversificadas que valorizem múltiplas formas de expressão corporal, incentivando a participação de todos os alunos sem a imposição de um padrão único de desempenho.

Para que a Educação Física escolar contribua para uma autoimagem corporal positiva, é essencial que os professores adotem práticas pedagógicas que rompam com a lógica da exclusão e valorizem a diversidade corporal. O quadro 1 a seguir apresenta algumas das principais recomendações encontradas na literatura para tornar a Educação Física mais inclusiva.

QUADRO 1 - Estratégias para a Inclusão do Corpo Gordo na Educação Física Escolar

Estratégia	Descrição
Diversificação das atividades	Incorporar dança, jogos cooperativos e práticas de alongamento, permitindo que os alunos explorem diferentes formas de movimento sem a pressão do desempenho competitivo (Maldonado, 2022).
Uso de avaliações formativas	Considerar o envolvimento, a evolução individual e a participação ativa dos alunos, valorizando o esforço e a superação de desafios pessoais, em vez de focar apenas no desempenho físico (Bonetto; Gonçalves, 2022).
Debates sobre corpo e saúde	Inserir discussões críticas sobre padrões de beleza, gordofobia e bem-estar para ajudar os alunos a desenvolverem uma visão mais ampla da saúde e do próprio corpo, combatendo estereótipos (Rigo, 2022).
Formação continuada de professores	Capacitar os docentes para que compreendam a complexidade das questões relacionadas ao corpo e à autoimagem, criando um ambiente seguro e acolhedor para todos os estudantes (Gontijo, 2023).

Fonte: Autores (2026)

A Educação Física escolar pode desempenhar um papel central na construção de uma autoimagem corporal positiva ou, ao contrário, reforçar processos de exclusão e estigmatização. O desafio está em transformar as práticas pedagógicas para que o ambiente escolar não perpetue ideais restritivos de corpo e saúde, mas sim promova uma educação que valorize a diversidade corporal e incentive a participação de todos os estudantes.

Os professores, enquanto agentes fundamentais nesse processo, devem ser preparados para atuar de forma crítica e reflexiva, desconstruindo discursos normativos e criando espaços mais inclusivos. Assim, a Educação Física pode tornar-se um componente curricular que contribua para o bem-estar dos alunos, incentivando hábitos saudáveis sem reforçar padrões excludentes de corpo e movimento.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica sistemática, com o objetivo de analisar criticamente os desafios e caminhos para a inclusão do corpo gordo na Educação Física escolar, com ênfase na formação docente. A revisão bibliográfica é uma metodologia amplamente utilizada em pesquisas acadêmicas para

mapear e sintetizar conhecimentos já produzidos sobre um determinado tema, possibilitando a identificação de lacunas e tendências na literatura (Gil, 2008).

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois busca compreender os significados atribuídos ao corpo gordo no contexto da Educação Física escolar, explorando os discursos acadêmicos e pedagógicos sobre a inclusão e os impactos da formação docente nesse processo. Segundo Minayo (2001), a abordagem qualitativa permite aprofundar a análise de fenômenos sociais e educacionais, possibilitando uma reflexão crítica sobre as práticas escolares e suas implicações na construção da identidade corporal dos estudantes.

A opção pela revisão bibliográfica justifica-se pela necessidade de consolidar conhecimentos já produzidos na área e fornecer subsídios teóricos para a formulação de práticas pedagógicas mais inclusivas. Como destaca Lakatos e Marconi (2007), a revisão de literatura permite ao pesquisador conhecer o estado da arte de um determinado tema, identificando avanços e desafios existentes.

Para garantir a qualidade e a relevância da revisão bibliográfica, foram estabelecidos critérios rigorosos na seleção dos materiais analisados. Esses critérios visaram assegurar que os estudos contemplassem abordagens atualizadas, estivessem inseridos em fontes acadêmicas confiáveis e abordassem temáticas diretamente relacionadas à inclusão do corpo gordo na Educação Física escolar. O quadro 2, a seguir, apresenta os principais critérios adotados.

QUADRO 2 - Critérios de Seleção das Fontes

Critério	Descrição
Período de publicação	Estudos publicados entre 2012 e 2024, garantindo a atualidade das discussões sobre gordofobia, inclusão e formação docente.
Fontes acadêmicas	Trabalhos científicos indexados nas bases Scielo, Google Scholar ou Periódicos CAPES.
Temas abordados	(i) Gordofobia e estigmatização do corpo gordo; (ii) Desafios da Educação Física na inclusão de alunos gordos; (iii) Formação docente e práticas inclusivas.
Idioma	Publicações em português, garantindo acessibilidade e pertinência da literatura.

Fonte: Autores (2026)

A busca pelos materiais seguiu estratégias sistemáticas, utilizando palavras-chave como "gordofobia na Educação Física escolar", "formação de professores e inclusão", "*bullying* e corpo gordo no ambiente escolar", "práticas pedagógicas inclusivas em Educação Física", entre outras. Após o cruzamento e a leitura de partes tidas como cruciais (como título, resumo e considerações finais) para se alcançar o objetivo desta pesquisa, foram selecionados nove estudos.

Após a seleção dos materiais, os textos foram submetidos a uma análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). A análise de conteúdo consiste na categorização e interpretação sistemática dos dados, permitindo a identificação de padrões, conceitos-chave e relações entre os estudos.

A análise das fontes selecionadas, nove artigos no total, foi organizada em três eixos temáticos, que refletem aspectos centrais da relação entre Educação Física escolar, corpo gordo e formação docente. Esses eixos permitiram uma abordagem aprofundada sobre a construção social da gordofobia, seus impactos na autoimagem dos alunos e as possibilidades de transformação da prática pedagógica. O quadro 3 abaixo sintetiza essas categorias de análise.

QUADRO 3 - Critérios de Seleção das Fontes

Eixo Temático	Descrição
A construção social do corpo gordo e a manifestação da gordofobia no contexto escolar	Investigação sobre como a sociedade constrói significados em torno do corpo gordo e de que maneira essa construção afeta a vivência dos estudantes nas aulas de Educação Física.
O impacto da Educação Física escolar na autoimagem e na participação de alunos gordos	Análise dos desafios enfrentados por alunos gordos na Educação Física, incluindo experiências de exclusão, <i>bullying</i> e a influência das práticas pedagógicas na construção da autoestima.
A formação docente e as possibilidades para uma prática pedagógica inclusiva	Reflexão sobre a preparação dos professores para lidar com a diversidade corporal, identificando estratégias de ensino que promovam a inclusão e combatam a gordofobia.

Fonte: Autores (2026)

Essa organização temática permitiu uma análise aprofundada das discussões acadêmicas sobre o tema, contribuindo para a formulação de reflexões críticas e recomendações para a prática docente.

Apesar do rigor metodológico adotado, este estudo apresenta algumas limitações. A revisão bibliográfica, por sua natureza, baseia-se exclusivamente em fontes secundárias, o que restringe a possibilidade de coleta de dados primários que poderiam aprofundar a análise sobre a realidade vivenciada pelos professores e estudantes. Além disso, a disponibilidade de pesquisas acadêmicas sobre a inclusão do corpo gordo na Educação Física ainda é limitada, o que reforça a necessidade de mais estudos empíricos sobre o tema.

Entretanto, ao consolidar as principais contribuições teóricas sobre a relação entre Educação Física, corpo gordo e formação docente, esta pesquisa busca fornecer subsídios para futuras investigações e para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A presente seção tem como objetivo discutir os achados da revisão bibliográfica, analisando criticamente os desafios e as possibilidades para a inclusão do corpo gordo na Educação Física escolar, com ênfase na formação docente. As evidências reunidas indicam que a gordofobia no contexto escolar configura-se como um fenômeno estrutural, sustentado por discursos tecnicistas que vinculam magreza à saúde e à aptidão física. Além disso, a formação de professores de Educação Física, historicamente pautada na valorização do desempenho atlético, frequentemente negligencia a diversidade corporal, perpetuando práticas excludentes. A seguir, apresentam-se as principais reflexões organizadas em três eixos temáticos.

A literatura revisada aponta que a Educação Física escolar frequentemente reforça ideais normativos de corpo e saúde, marginalizando aqueles que não se encaixam nesses padrões. Bonetto e Gonçalves (2022) destacam que muitos professores reproduzem, de forma consciente ou inconsciente, discursos que associam a magreza à disciplina e ao sucesso esportivo, enquanto o corpo gordo é visto como sinônimo de sedentarismo e falta de esforço. Essa perspectiva resulta na exclusão de alunos gordos das atividades físicas, seja por meio de práticas pedagógicas inadequadas, seja pelo incentivo à competitividade extrema, que privilegia aqueles com maior desempenho atlético.

Além disso, Ramos (2019) argumenta que a gordofobia é uma construção social profundamente enraizada, que define o corpo gordo como inferior e patologiza sua existência. No contexto escolar, essa lógica se traduz na invisibilização dos estudantes gordos, que são frequentemente desencorajados a participar ativamente das aulas de Educação Física. A pesquisa de Matos, Zoboli e Mezzaroba (2012) corrobora essa análise, mostrando que alunos obesos relatam experiências de exclusão, como serem os últimos a serem escolhidos para equipes esportivas ou serem alvo de comentários depreciativos de colegas e até mesmo de professores.

Os efeitos dessa exclusão vão além do ambiente escolar, impactando diretamente a construção da autoimagem e da identidade corporal dos estudantes. De acordo com Rigo (2022), a adolescência é um período crucial para o desenvolvimento da autoestima, e a maneira como os alunos vivenciam as aulas de Educação Física pode influenciar sua relação com o próprio corpo ao longo da vida. Quando a escola reforça a ideia de que apenas corpos magros são saudáveis e aptos, estudantes gordos internalizam sentimentos de inadequação, o que pode levar ao afastamento das atividades físicas e ao desenvolvimento de transtornos emocionais, como ansiedade e baixa autoestima.

Ademais, a pesquisa de Gontijo (2023) mostra que muitos estudantes que passaram por experiências de gordofobia na infância e adolescência carregam marcas profundas dessas vivências em sua trajetória acadêmica e profissional. No contexto da formação docente, esse impacto se manifesta no receio que alguns futuros professores de Educação

Física demonstram em relação à prática esportiva, por associarem a disciplina a experiências traumáticas de exclusão e julgamento. Esse dado reforça a necessidade de repensar os currículos dos cursos de licenciatura, incorporando discussões críticas sobre corpo e inclusão.

A formação inicial e continuada dos professores de Educação Física é um fator determinante para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. No entanto, a revisão bibliográfica indica que a preparação dos docentes para lidar com a diversidade corporal ainda é insuficiente. Maldonado (2022) aponta que a maioria dos cursos de licenciatura enfatiza aspectos biomecânicos e fisiológicos do corpo, deixando de lado discussões socioculturais sobre identidade, inclusão e respeito à diversidade. Esse viés reforça a naturalização da exclusão de alunos gordos, pois os futuros professores são pouco incentivados a refletir criticamente sobre as relações de poder que permeiam a Educação Física escolar.

Por seu turno, a pesquisa de Bonetto e Gonçalves (2022) também revela que muitos professores, quando confrontados com situações de *bullying* gordofóbico, adotam intervenções superficiais, limitando-se a discursos moralizantes sobre respeito e convivência. Essa abordagem desconsidera as dimensões estruturais da discriminação, falhando em promover uma mudança efetiva no ambiente escolar. Para superar esse desafio, é essencial que os cursos de formação docente incluam disciplinas e práticas que incentivem a reflexão crítica sobre os preconceitos corporais e suas implicações na Educação Física.

Algumas experiências exitosas já apontam caminhos possíveis para essa transformação. Rigoni, Nunes e Fonseca (2017) sugerem que a adoção de metodologias ativas pode contribuir para a desconstrução de padrões normativos na Educação Física, permitindo que os alunos explorem diferentes formas de movimento sem a imposição de um ideal corporal único. Além disso, Maldonado (2022) destaca a importância de práticas pedagógicas que estimulem o diálogo sobre corpo e diversidade, promovendo debates sobre representações midiáticas, padrões estéticos e seus impactos na saúde mental dos estudantes.

Desse modo, os achados evidenciam que a Educação Física escolar ainda enfrenta desafios significativos para garantir a inclusão do corpo gordo, sendo a formação docente um dos principais eixos de transformação desse cenário. A naturalização da gordofobia e a ênfase na performance física como critério de sucesso reforçam a exclusão de alunos gordos, impactando sua autoestima e sua relação com o movimento.

No entanto, a literatura também aponta estratégias promissoras para superar essas barreiras. A reformulação dos currículos de formação docente, a adoção de práticas pedagógicas inclusivas e a problematização crítica dos discursos sobre corpo e saúde são ações fundamentais para a construção de uma Educação Física mais democrática. Cabe,

portanto, aos professores, pesquisadores e gestores educacionais o compromisso de ampliar essa discussão e implementar mudanças concretas no ensino da Educação Física, garantindo que todos os estudantes, independentemente de sua corporalidade, sintam-se valorizados e pertencentes ao espaço escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os desafios e possibilidades para a inclusão do corpo gordo na Educação Física escolar, com ênfase na formação docente. A partir da revisão bibliográfica realizada, constatou-se que a Educação Física, historicamente, tem sido pautada por um modelo tecnicista e performático, que associa a magreza à saúde e ao bom desempenho físico, enquanto o corpo gordo é frequentemente estigmatizado e marginalizado. Essa visão reducionista não apenas perpetua a exclusão de alunos gordos, mas também impacta negativamente sua autoestima e relação com a prática esportiva ao longo da vida.

A análise dos estudos evidenciou que a gordofobia na Educação Física escolar se manifesta de diversas formas, desde o *bullying* explícito até a exclusão sutil por meio de práticas pedagógicas que reforçam a competitividade e a normatividade corporal. O espaço escolar, que deveria se constituir como um ambiente de acolhimento e respeito à diversidade, frequentemente reproduz estereótipos que perpetuam a exclusão de corpos dissidentes dos padrões hegemônicos.

No que se refere à formação docente, identificou-se que os cursos de licenciatura em Educação Física ainda carecem de uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre a diversidade corporal. A ênfase na dimensão biológica do corpo, em detrimento das perspectivas socioculturais, contribui para a reprodução de práticas pedagógicas excludentes, dificultando a construção de uma Educação Física mais inclusiva. Muitos professores, mesmo que bem-intencionados, não possuem preparo adequado para lidar com questões como gordofobia e inclusão, adotando intervenções superficiais ou ineficazes diante de episódios de discriminação.

Diante desse cenário, torna-se essencial repensar a formação docente, incorporando nos currículos debates sobre diversidade corporal, preconceitos estéticos e inclusão no ensino da Educação Física. A adoção de práticas pedagógicas que valorizem múltiplas formas de movimento, o incentivo ao diálogo sobre padrões corporais e saúde, e a diversificação das atividades físicas são estratégias fundamentais para transformar o ambiente escolar em um espaço mais democrático e acolhedor.

Pesquisas futuras devem aprofundar a análise sobre a inclusão do corpo gordo na Educação Física escolar por meio de investigações empíricas que contemplem a percepção de professores e estudantes sobre práticas pedagógicas inclusivas. Além disso, é essencial explorar a interseccionalidade entre gordofobia, gênero e raça, uma vez que diferentes

grupos sociais vivenciam a discriminação de maneiras distintas. Dessa forma, novas pesquisas podem contribuir para a construção de uma Educação Física mais democrática, em que todos os corpos sejam respeitados e valorizados em suas múltiplas formas e possibilidades de movimento.

Por fim, destaca-se a necessidade de ampliar as pesquisas sobre o tema, incluindo estudos empíricos que investiguem as percepções de professores e alunos sobre a inclusão do corpo gordo na Educação Física escolar. A superação da gordofobia no ambiente escolar exige um compromisso coletivo de educadores, gestores e formuladores de políticas públicas, garantindo que a Educação Física cumpra seu papel de promover o bem-estar e a valorização da diversidade, sem reforçar padrões excludentes. Assim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o debate e inspirar mudanças que tornem a Educação Física um espaço verdadeiramente inclusivo para todos os corpos.

REFERÊNCIAS

- BONETTO, Pedro Xavier Russo; GONÇALVES, Brenda Chagas. Bullying gordofóbico na Educação Física escolar: a perspectiva dos/as professores/as. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-16, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasmedfisaescolar/article/view/3179>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvglQbHv9s/>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**, ano 2, n. 2, p. 24-27, jun. 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19309/000242837.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. 8. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONTIJO, Larissa Sepúlveda Rocha. **Gordofobia na Educação Física escolar**: discutindo a formação de futuros professores a partir de experiências pregressas. 2023. 39 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/handle/35400000/5688>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar**: Porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física escolar, corpo e saúde: problematizações a partir das ciências humanas. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 26, n. 1, p. 1-19, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/12105>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MATOS, Keyte dos Santos; ZOBOLI, Fabio; MEZZAROBÀ, Cristiano. O bullying nas aulas de Educação Física escolar: corpo, obesidade e estigma. **Atos de Pesquisa em Educação - PPGEME FURB**, v. 7, n. 2, p. 272-295, mai./ago. 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/11605>. Acesso em: 08 mar. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

PINHEIRO, Ana Beatriz Teixeira. **Menina gorda não tem vez**: problematizando a gordofobia e as consequências no desenvolvimento das crianças e adolescentes. 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/6ca4899b-8916-425d-8165-adb774067718>. Acesso em: 08 mar. 2025.

RAMOS, Ellayne Pereira. **Bullying gordofóbico na escola**: questões de enfrentamento, questões de negligência. 2019. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrpe.br/handle/123456789/1890>. Acesso em: 08 mar. 2025.

RIGO, Graciane Taglian. **Constrangimentos nas aulas de Educação Física**: relatos de alunas do Ensino Médio. 2022. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/247600>. Acesso em: 07 mar. 2025.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; NUNES, Felipe Gustavo Barros; FONSECA, Karina das Mercês. O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social Facebook: implicações para a Educação Física escolar. **Motrivivência**, v. 29, n. esp., p. 126-143, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29nespp126>. Acesso em: 09 mar. 2025.

Recebido em: 28/08/2025
Aceito em: 03/02/2026